

## Vencedores e perdedores do powershoring<sup>1</sup>

Jorge Arbache<sup>2</sup>

O powershoring é uma estratégia corporativa dos tempos da descarbonização para a produção eficiente e segura de bens intensivos em energia para exportação. Geografias com abundância de energia verde e barata oferecem condições favoráveis para localização de empresas que enfrentam as novas circunstâncias ambientais, energéticas e geopolíticas.

Com a mais verde matriz elétrica e custos de produção de energia atrativos, a América Latina e Caribe pode ajudar o setor privado a enfrentar aquelas circunstâncias. O powershoring já é uma realidade na região e vários projetos já estão em desenvolvimento.

Embora o powershoring já venha despertando crescente interesse e atenção internacional, o tema ainda é novo e está sob exame. Dentre os temas em avaliação estão a comparação com o nearshoring e o friendshoring e quem perde e quem ganha com a estratégia.

Quanto à primeira questão, a estratégia do powershoring é complementar às demais. Enquanto estas se focam na proximidade de mercados consumidores e em temas geopolíticos, aquela se concentra em acesso à energia, compliance ambiental e resiliência. Neste momento, não há países na região aptos a acomodarem ambas as estratégias em condições competitivas e em escala.

Quanto à segunda questão, a política do net zero é a agenda que mais ganha. Afinal, ao acomodar empresas internacionais intensivas em energia e com elevadas emissões, o powershoring acelera a descarbonização associada às emissões industriais, que é uma das principais fontes de emissões de gases de efeito estufa (GEE) em países avançados. Considere o caso do aço, que responde por entre 7% e 9% de todos os GEE do planeta. A hipotética produção do aço de baixas emissões em zonas de powershoring poderia, portanto, entregar resultados ambientais relevantes.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/vencedores-e-perdedores-do-powershoring.ghtml>

Acessado em 11.04.2024

<sup>2</sup> vice-presidente de setor privado do Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF)

As empresas que lançam mão da estratégia do powershoring também são grandes beneficiárias. De fato, a estratégia pode contribuir para reduzir custos com energia, eliminar custos com direitos de emissão, acelerar a colocação de produtos verdes no mercado, reduzir gastos com compliance ambiental e reduzir impostos. Com isto, pode-se fornecer mais rapidamente ao mercado internacional insumos e bens de consumo verdes e a preços mais acessíveis. Para além de custos, a estratégia também traz resiliência à produção associada à geopolítica e a fenômenos climáticos extremos que requerem, e cada vez mais, diversificação geográfica da produção.

A exportação de insumos como o aço, alumínio, química, celulose e tantos outros produzidos em zonas de powershoring pode ter amplas repercussões águas abaixo, ajudando a baratear a produção e a esverdear cadeias produtivas dos países importadores - pense nos efeitos para a indústria automobilística europeia da maior oferta de aço verde a preços competitivos. Os benefícios corporativos, diretos e indiretos, do powershoring podem, deste modo, ser significativos.

Consumidores de países desenvolvidos, que andam frustrados com a agenda do clima, também podem se beneficiar do powershoring. As razões da frustração incluem o aumento no custo de vida associado à agenda verde, o ônus com o financiamento da transição para fontes de energia renovável, os impostos sobre carbono e emissões e os novos impostos para financiar os maiores gastos públicos. Para que a agenda do clima possa resistir às críticas e ampliar a base de apoio, é preciso encontrar soluções verdes, seguras, baratas e eficientes que beneficiem o cidadão comum, tal qual é o powershoring. O powershoring é, portanto, um aliado da descarbonização eficiente e pode, com isto, ajudar a angariar a necessária simpatia para com a agenda do clima.

Powershoring é aliado da descarbonização e pode ajudar a angariar a necessária simpatia para a agenda do clima

A estratégia do powershoring também pode apoiar interesses públicos amplos. Pense no atingimento mais rápido e menos custoso das NDC de países que substituem insumos cinzas por verdes via importação. Isto ocorreria porque a realocação de plantas intensivas em energia e poluentes acelera e barateia os custos da transição energética no país de origem. Pode, ainda, ter efeitos fiscais e no consumo de água e fortalecer a competitividade internacional de empresas nacionais.

Considere o desafio da Europa, que se comprometeu em reduzir as emissões em nada menos que 90% até 2040. Tudo o mais constante, não será nada fácil alcançar meta tão ambiciosa em prazo relativamente curto sem frear o crescimento econômico. Estratégias mais amplas provavelmente serão necessárias, incluindo o powershoring.

Finalmente, ganha o país que recebe investimentos do powershoring, que cria emprego e renda, diversifica a produção, gera impostos e exportações, favorece cadeias locais de valor e insere o país em cadeias globais de produção. Ganha, também, a agenda da transição verde e justa defendida pela ONU, já que o powershoring promove, por meio da agenda do clima, as ODS em países em desenvolvimento. No Brasil e Colômbia, por exemplo, as localidades mais atrativas para o powershoring são, também, as com maior incidência de pobreza.

E quem perde com o powershoring? Trabalhadores e localidades das plantas realocizadas, dentre outras variáveis. Políticas compensatórias já conhecidas podem ser necessárias, incluindo a requalificação profissional, seguros sociais e incentivos a investimentos.

Em resumo, ao que parece, o balanço é largamente favorável aos benefícios. Mas, para realizar todo aquele potencial, será preciso promover e implementar políticas internas nos países de powershoring e políticas em nível internacional. Quanto à primeira, é necessário reduzir riscos e estabelecer parcerias de capitais públicos e privados, dentre outras medidas. Quanto à segunda, é preciso que países avançados “desmercantilizem” a agenda do clima e reconheçam o comércio como ferramenta fundamental da descarbonização global. Também será fundamental a remoção das múltiplas barreiras não tarifárias a produtos verdes, que neutralizam as vantagens comparativas e competitivas de localidades de powershoring.